



ADVENTISMO EM BUSCA DE IDENTIDADE LITÚRGICA: A “AMEAÇA PENTECOSTAL”

Adventism in search of liturgical identity: the “Pentecostal threat”

Isaac Malheiros¹

Resumo:

Esse artigo analisará o temor do pentecostalismo/carismatismo que sempre esteve presente no movimento adventista e levou a uma sensível alteração em sua forma de culto. O processo de busca de respeitabilidade no meio evangélico, que culminou na publicação do livro *Questions on Doctrine*, levou a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) a fugir do pentecostalismo e alinhar-se com o culto da tradição reformada e evangélica tradicional. No entanto, esse alinhamento ocorreu aparentemente sem uma reflexão teológica aprofundada sobre as pressuposições reformadas e como isso afetaria o culto adventista. O artigo descreverá brevemente a tensão teológica que há entre o culto reformado e o culto pentecostal, e como o adventismo se posiciona entre eles. Além disso, a “ameaça pentecostal” no culto adventista será avaliada historicamente, especialmente através dos hinos utilizados no culto adventista. Essa pesquisa levará à conclusão de que há certo exagero nesse medo do pentecostalismo e na extrema vigilância do culto adventista.

Palavras-chave:

Carismatismo. Pentecostalismo. Liturgia Adventista. Adoração Adventista.

Abstract:

This article will examine the fear of Pentecostalism/charismatism that has always been present in the Adventist movement and led to a significant change in their form of worship. The process of seeking respectability in evangelical circles, culminating in the publication of *Questions on Doctrine*, induced the Seventh-day Adventist Church (SDA) to run away from Pentecostalism and align himself with the Reformed and traditional Evangelical worship style. However, this alignment occurred apparently without a thorough theological reflection on the Reformed presuppositions and how it would affect the Adventist worship. This article briefly describes the theological tension between the Reformed worship and Pentecostal worship, and how Adventism stands between them. Moreover, the "Pentecostal threat" in Adventist worship will be historically evaluated, especially through the hymns used in Adventist worship. This research will lead to the conclusion that there is some exaggeration in this fear of Pentecostalism and extreme vigilance against the charismatic likeness.

Keywords:

Charismatism. Pentecostalism. Adventist liturgy. Adventist worship.

¹ Mestre em Teologia pela EST, São Leopoldo/RS; doutorando em Teologia na EST, São Leopoldo/RS; bolsista da CAPES. Contato: pr_isaac@yahoo.com.

Introdução

O adventismo surgiu como um movimento interdenominacional num período de efervescência religiosa no cenário estadunidense do início do século XIX. É fato histórico bem documentado que houve experiências carismáticas no movimento adventista pioneiro e, posteriormente, até nos primórdios da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD).² Numa série de doze artigos publicados na *Review and Herald* em 1972 e 1973, Arthur White revela como os pioneiros adventistas lidaram com ocorrências de línguas extáticas, prostrações, visões e outros fenômenos carismáticos.³ De forma geral, as experiências carismáticas foram combatidas até ao ponto de serem praticamente suprimidas (com exceção das visões de Ellen G. White, uma das pioneiras da IASD, considerada uma profetisa no adventismo). Desde esses episódios, historicamente o adventismo tem mantido vigilância constante sobre prováveis incursões do pentecostalismo e do carismatismo no seu meio.

As práticas de adoração do adventismo pioneiro foram fortemente influenciadas pelo metodismo reavivalista e pela tradição das reuniões campais (*camp-meetings*, acampamentos). As reuniões adventistas primitivas caracterizavam-se pelo entusiasmo fervente, zelo evangelístico, espontaneidade e a participação popular.

Algumas reuniões adventistas pioneiras incluíam cânticos espirituais, brados, palmas, cura, choro e visões. O adventismo pioneiro, com suas características carismáticas e cultos reavivalistas, foi um reflexo da cultura do século XIX.⁴ No entanto, a peculiar mensagem pré-milenista, a crença radical na autoridade objetiva da Bíblia e a ênfase na interpretação histórica da profecia bíblica estavam em oposição às maiores tradições americanas dos anos 1850 e 1860. E apesar de expressões emocionais estarem presentes no adventismo primitivo, o seu culto era mais contido do que os do Movimento de Santidade (movimento *Holiness*⁵), por exemplo. E apesar do intenso interesse adventista em evangelismo, eles não usaram as práticas comuns para converter pessoas a qualquer custo.⁶ Dessa forma o adventismo se desenvolveu como um movimento peculiar tanto na crença quanto nas práticas.

Mas o entusiasmo fervente que caracterizou a adoração adventista durante o final da década de 1840 e na década de 1850, foi sendo substituído por uma adoração mais moderada, solene e formal por volta da década de 1870.⁷ As razões sugeridas para essa transição tem sido: (1)

² Há uma distinção entre o “movimento adventista” (interdenominacional, que culminou com a frustrada expectativa do retorno de Cristo em 1844) e a “Igreja Adventista do Sétimo Dia”, fruto do movimento, mas que foi oficialmente fundada em 1863.

³ WHITE, Arthur L. *Charismatic experiences in early Seventh-Day Adventist history*. A reprint of twelve articles published in the *Review and Herald* (1972-1973). Disponível em: <http://www.whiteestate.org/issues/Charism-ALW.html#CHARISMATIC_EXPERIENCES>. Acesso em 08 jul. 2014.

⁴ STOUT, Kenneth B. “Seventh-Day Adventist Worship”. In BRADSHAW, Paul F. (ed.). *The new SCM dictionary of liturgy and worship*. London: SCM Press, 2005. p. 430.

⁵ O Movimento *Holiness* foi o resultado da união do Metodismo americano com o reavivalismo do Segundo Grande Despertamento. Isso deu início a uma crescente onda de persuasão perfeccionista na religião Americana que começou nos anos 1830 e durou até bem depois da virada do século. O Movimento *Holiness* tinha suas raízes ideológicas e espirituais no reavivamento Wesleyano do século XVIII. Mas apesar do metodismo ser um dos carros-chefes, o Movimento não era apenas metodista e incluía várias denominações, dentre elas, o *Exército da Salvação*. As campais do Movimento *Holiness* frequentemente eram caracterizadas por manifestações de êxtase e excessos emocionais. Ver HOSKINS, Steven T. The Wesleyan/Holiness Movement in search of liturgical identity. *Wesleyan Theological Journal*, Vol 32, n. 2. Wesleyan Theological Society, 1997. p. 124-125.

⁶ STOUT, 2005, p. 430.

⁷ GRAYBILL, Ronald D. Enthusiasm in Early Adventist Worship. *Ministry*, Outubro de 1991. p. 12; STOUT, 2005, p. 430.

um processo natural causado pelo crescente nível de educação e sofisticação dos membros, (2) mudança cultural no cenário americano em geral, e (3) o extremismo e o fanatismo de grupos como o movimento da Carne Santa em Indiana (1901).⁸

Esse artigo descreverá brevemente o processo de busca adventista da respeitabilidade no meio evangélico, que culminou com a publicação do livro *Questions on Doctrine* (1957) e que levou à consolidação de um modelo de culto alinhado ao culto da tradição reformada e evangélica, distanciando-se do pentecostalismo.

Também será analisada a teologia envolvida nesse alinhamento, já que os reformados são, em geral, cessacionistas, o que não combina com a teologia adventista da atualidade dos dons espirituais. O medo do pentecostalismo aparentemente levou os adventistas a ignorarem as consequências do cessacionismo em sua teologia da adoração.

Por fim, a “ameaça pentecostal” na música e no culto adventista contemporâneo será avaliada. Até que ponto são justificáveis as denúncias e alertas a respeito da influência pentecostal na música sacra utilizada no culto adventista?

Adventismo em busca de respeitabilidade

Na virada do século XIX para o século XX, o fanatismo (que sempre fora um perigo que rondava) estourou nos círculos adventistas. Esse foi o tempo em que o pentecostalismo emergia no resto do mundo cristão, e o adventismo também foi afetado. Além disso, o movimento adventista de santificação foi paralelo ao mesmo movimento no mundo cristão. Sua expressão máxima foi encontrada no movimento fanático da Carne Santa, no estado de Indiana. Para alguns, era o pentecostalismo que estava se infiltrando no adventismo.⁹ De fato, o movimento barulhento da Carne Santa foi descrito como “cheirando a pentecostalismo”¹⁰, apesar de ter ligações mais claras com o Movimento *Holiness*.¹¹

O pentecostalismo foi desaprovado por boa parte dos protestantes nessa época, e os adventistas em sua grande maioria também o rejeitaram desde o início. O entusiasmo do adventismo pioneiro e suas manifestações carismáticas foram moderados em grande parte pelos conselhos de Ellen G. White. No entanto, ela claramente busca o equilíbrio ao alertar contra o erro oposto do frio formalismo, como em: “Não nos é possível acentuar demais os males de um culto formal”.¹²

O desejo de se divorciar dos que eram considerados fanáticos e extremistas levou a IASD a se distanciar também do fervor dos anos iniciais e a se aproximar do estilo de adoração das

⁸ GRAYBILL, 1991, p. 12; SEPULVEDA, Ciro. *The Tent and the Cathedral: White-Collar Adventists and Their Search for Respectability*. Paper apresentado no Questions on Doctrine 50th Anniversary Conference. Berrien Springs, MI: Andrews University, 25 de Outubro de 2007. p. 1-9. Disponível em: <http://www.qod.andrews.edu/docs/05_ciro_sepulveda.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2014.

⁹ BURRILL, Russell. *Waking the dead: returning plateaued and declining churches to vibrancy*. Washington, D.C.: Review and Herald, 2004. p. 115-117.

¹⁰ A *Revista Adventista* de setembro de 1974 descreve assim o culto da “Carne Santa”: “As reuniões religiosas desse grupo eram barulhentas, cheirando a pentecostalismo, não faltando demonstrações físicas, convulsões, prostrações, ao som de instrumentos de música e tambores” (p. 32).

¹¹ Sobre essa ligação com o Movimento *Holiness*, ver MALHEIROS, Isaac. *Culto da Carne Santa: uma cópia de métodos* – parte 1. Disponível em: <http://www.academia.edu/5851300/Culto_da_Carne_Santa_-_uma_copia_de_metodos_1>. Acesso em: 27 mar. 2014.

¹² WHITE, Ellen G. *Testimonies for the Church*. Vol. 9. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948. p. 143. O texto original é: “The evil of formal worship cannot be too strongly depicted”.

principais correntes protestantes. De fato, parecia haver uma tentativa de trazer a adoração adventista em consonância com outras denominações protestantes e evangélicas mais litúrgicas e tradicionais.¹³

Nos anos 1890, o adventismo havia se tornado uma religião mais da *mente* que do *coração*, conforme vemos em sua ênfase em pregações cognitivas, apresentações doutrinárias ao estilo dos debatedores e adoração padronizada.¹⁴ O adventismo pioneiro, que se opunha fortemente à cultura, foi assimilando a cultura religiosa americana e perdendo o seu radicalismo. De uma comunidade cristã radical, o adventismo passou a ser uma comunidade de cristãos conservadores. O adventismo tendeu a alinhar-se ao que Sepulveda chama de “mitologia puritana da nação”.¹⁵

Para Burrill, a maioria dos adventistas hoje ficaria desconfortável nos cultos adventistas primitivos. Segundo ele, os adventistas introduziram tanto formalismo em seu culto que os cultos vivos, animadores, poderosos e cheios do Espírito do adventismo inicial hoje lhes pareceriam “pentecostalismo”.¹⁶

De uma forma geral, o adventismo rejeitou o pentecostalismo e passou a ver com bons olhos o culto de tradição puritana, que era bem diferente do culto adventista pioneiro.¹⁷ O culto puritano era formal, rígido, e seguia normas e padrões fixos. Emoções não eram bem vistas, pois os puritanos se orgulhavam de seu culto intelectual, guiado por princípios e não por sentimentos. Enquanto os puritanos adoravam em prédios bem construídos, os pioneiros adventistas se reuniam nos lares. Os adventistas foram abençoados por visões, testemunhos, sessões de confissões coletivas, cânticos vibrantes, e acampamentos. Para os pioneiros adventistas, a religião era uma questão do coração, não apenas da mente.

Sepulveda¹⁸ demonstra como o adventismo pioneiro, que diferia do puritanismo na sua expressão religiosa, foi se alinhando a essa forma considerada “mais elevada” de protestantismo em busca de respeitabilidade.¹⁹

Em 1929, a IASD lançou a revista *Ministry*, um periódico para pastores. Os artigos orientavam os líderes a usarem música apropriada nos cultos e a fazerem pregações mais racionais, em vez de emocionais. O auge dessa tentativa de alinhamento ao protestantismo conservador se

¹³ BURRILL, 2004, p. 117.

¹⁴ STOUT, 2005, p. 430.

¹⁵ SEPULVEDA, Ciro. *Reinventing Adventist History: How Adventist Historians Transformed Adventist Heritage So That It Would Fit Neatly Into the National Mythology*. Electronic Journal of Adventist History. Hunstville, AL: Oakwood University, 2001. Disponível em <<http://www.oakwood.edu/historyportal/Ejah/Reinventing%20SDA%20history.htm>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

¹⁶ BURRILL, 2004, p. 115.

¹⁷ BRUINSMA, Reinder. *The Body of Christ: An Adventist Understanding of the Church*. Hagerstown, Maryland: Review and Herald Publishing Association, 2009. p. 80-81.

¹⁸ SEPULVEDA, 2007; SEPULVEDA, 2001.

¹⁹ Entre as congregações adventistas afro-americanas o processo parece ter sido um pouco diferente. Aparentemente, os negros não foram tão rápidos em assimilar o novo estilo formal de adoração. Em 1895, Ellen G. White alertou contra o emocionalismo extremo das congregações negras: “Among most of the colored people we find unseemly practices in their worship of God. They become much excited, and put forth physical exertions that are uncalled for in the solemn worship of God. [...] They conduct their worship according to the instruction they have received, and they think that a religion which has no excitement, no noise, no bodily exercises, is not worth the name of religion. These ignorant worshipers need instruction and guidance”. WHITE, Ellen G. An Appeal for the South. *Review and Herald*, 3 de Dezembro de 1895. Para uma análise do desenvolvimento da adoração adventista entre os afroamericanos, ver WARREN, Mervyn A. Black seventh-day adventists and worship. In ROCK, Calvin B. (ed.). *Perspectives: Black Seventh-day Adventists Face the Twenty-First Century*. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing, 1996. p. 187-192.

deu com a publicação do livro *Questions on Doctrine* em 1957. Tal publicação resultou no reconhecimento da IASD como um grupo verdadeiramente cristão, e não uma seita, por parte de influentes líderes evangélicos.²⁰

Por volta da década de 1950, a nova cultura adventista já havia tomado corpo. Sanatórios tornaram-se hospitais, escolas de treinamento missionário tornaram-se faculdades, cultos nos lares e tendas evangelísticas deram espaço para templos bem construídos. Pregadores itinerantes foram substituídos por ministros profissionais treinados. Acampamentos adventistas reavivalistas transformaram-se em retiros espirituais. Os antigos sermões cheios de testemunhos e confissões públicas foram se tornando discursos teologicamente mais profundos. E os grandes hinos tradicionais acompanhados pelo piano e o órgão substituíram as simplórias canções evangélicas sincopadas. Em suma, a primeira metade do século XX testemunhou a ascensão do “adventismo de colarinho branco”,²¹ e o *Questions on Doctrine* reflete parte do esforço do adventismo para figurar no cenário protestante conservador de maneira respeitável.²²

Os dons espirituais: entre o cessacionismo e o pentecostalismo

É curioso notar que o adventismo rejeitou as manifestações pentecostais e tendeu a se alinhar à forma de culto dos protestantes conservadores, mesmo mantendo profundas diferenças teológicas com esses últimos no tocante ao Espírito Santo e os dons espirituais. Em sua declaração de *Crenças Fundamentais* está claro que a IASD crê que os dons espirituais continuam ainda no presente. A Crença 5 (*O Espírito Santo*) estabelece que “Ele concede dons espirituais à igreja”. A Crença 17 (*Dons e Ministérios Espirituais*) afirma que Deus concede dons espirituais “em todas as épocas”. E estes dons abrangem ministérios como a cura e a profecia, os ministérios pastorais, evangelísticos e apostólicos.

Apesar da Crença 17 falar generalizadamente dos dons espirituais, os adventistas dedicam um item especificamente ao dom de profecia (Crença 18, *O Dom de Profecia*). Isso revela a importância que esse dom, manifestado especialmente no ministério de Ellen G. White, tem na teologia adventista. A crença reformada cessacionista estabelece que o dom de profecia cessou com a morte dos apóstolos, e o atual dom de profecia é apenas sinônimo de pregação.²³ Ao contrário, a crença adventista refere-se ao dom sobrenatural de receber revelações divinas, incluindo sonhos e visões.²⁴

²⁰ KNIGHT, George R. (ed.). Introdução Histórica e Teológica à Edição Anotada. *Questões sobre doutrina: o clássico mais polêmico da história do adventismo*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008. p. 11-22.

²¹ SEPULVEDA, 2007, p. 8.

²² Para uma análise desse processo que culminou com a publicação do *Questions on Doctrine*, ver KNIGHT, 2008, p. 11-31. Apesar de Knight reconhecer que *Questions on Doctrine* não representou “uma capitulação aos evangélicos para ganhar seu reconhecimento” (p. 24), ele deixa claro o desejo dos editores de “agradar” e “chegar à unidade com os evangélicos onde quer que isso fosse possível, sem comprometer as crenças distintivas da denominação” (p. 25). Ver também KNIGHT, George R. *Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas Adventistas do Sétimo Dia*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005. p. 170-184; GRAYBILL, Ronald D. *The Rise of a New Adventist History*, A Book Review. *Spectrum*, Vol. 7, No. 4, 1976.

²³ A *Confissão de Fé de Westminster* afirma no capítulo I: “A cessação da revelação especial pelos antigos modos” (seção 1); “A declaração da suficiência das Escrituras: ‘nada se acrescentará’” (seção 6); e “O Espírito Santo fala por meio da Escritura Sagrada” (seção 10); deixando clara a posição cessacionista quanto à revelação especial.

²⁴ Apesar do desejo de agradar os protestantes conservadores, os editores do *Question on Doctrine* deixaram clara e bem estabelecida essa diferença a respeito dos dons espirituais ao explicarem a relação entre os escritos de Ellen White e a Bíblia. Ver KNIGHT, 2008, p. 101-102.

Nesses pontos, a IASD está mais alinhada aos pentecostais do que aos reformados. No entanto, apesar de tal alinhamento doutrinário, há uma tendência de olhar com menos rigor para os supostos “erros” doutrinários dos reformados do que para a prática e crença pentecostal. Em outras palavras, o cessacionismo parece mais tolerável, menos perigoso, que o dom de línguas pentecostal e outras manifestações.

No entanto, o cessacionismo, se verdadeiro, lançaria suspeita sobre as visões de Ellen G. White, tornando-a uma falsa profetisa, e a IASD uma seita. Curiosamente, a crença pentecostal sobre a atualidade dos dons espirituais tem uma raiz comum à crença adventista, mas manifesta-se de um modo reprovável na avaliação adventista. Por outro lado, a crença reformada sobre os dons espirituais difere radicalmente da crença adventista, mas se traduz em práticas aparentemente aceitáveis. Diante disso, há que se perguntar: até que ponto as doutrinas do Espírito Santo e dos dons espirituais estão relacionadas à forma de culto adventista, suas músicas e suas práticas? Se tais doutrinas se relacionam às práticas e forma de culto, como foi possível o adventismo se aproximar do culto litúrgico das igrejas de tradição puritana cessacionista? E por que o culto espontâneo reavivalista passou a ser visto com suspeita?

Tais perguntas merecem uma reflexão mais profunda, o que não faz parte dos objetivos desse artigo. No entanto, é possível dizer que a *fobia* do pentecostalismo e das manifestações carismáticas levou alguns adventistas a olharem com menos suspeita para a forma de culto católica romana, tradicionalmente apontado pelo adventismo como um culto equivocado. O culto adventista, nessa moldura anti-pentecostal, poderia até assemelhar-se a uma missa católica, mas jamais poderia parecer um culto pentecostal.

O culto adventista em alerta: a "ameaça" pentecostal na música

Como escreve Arthur Patrick, a memória do movimento fanático da Carne Santa, em Indiana, ainda está profundamente enraizada na *psique* adventista, afetando a doutrina do Espírito Santo e a adoração adventista. Os adventistas têm um receio de tudo o que possa parecer pentecostalismo. Portanto, fala-se timidamente no Espírito Santo e sua obra atual. A doutrina da Chuva Serôdia, como é geralmente entendida e abordada, ofereceu para a igreja uma alternativa segura ao pentecostalismo, colocando o recebimento do Espírito Santo num futuro bem distante.²⁵

E a música Adventista tem sido limitada por causa dos excessos de Indiana e da advertência de Ellen White, prevendo fanatismo semelhante perto do fim dos tempos.²⁶ Por medo de se repetir o ocorrido em Indiana, os adventistas mantêm seu culto sob vigilância. Uma recente publicação adventista afirma que “o pastor tem o dever de ajudar os que querem alterar a liturgia simplesmente pelo prazer de mudar. Ao perceber qualquer laivo de pentecostalismo ou ecumenismo, é seu dever esclarecê-los sobre a direção recomendada e impedir que elementos estranhos interfiram na adoração”.²⁷

²⁵ PATRICK, Arthur. *Later Adventist Worship, Ellen White and the Holy Spirit: Further Historical Perspectives*. Spiritual Discernment Conference Papers, 1999. Disponível em: <<http://www.sdanet.org/atissue/discern/flesh.htm>>. Acesso em 13 fev. 2014.

²⁶ O texto está em WHITE, Ellen G. *Mensagens Escolhidas*. Vol. 2. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000. p. 36. O trecho frequentemente citado diz: “Demonstrar-se-á tudo quanto é estranho. Haverá gritos com tambores, música e dança. Os sentidos dos seres racionais ficarão tão confundidos que não se pode confiar neles quanto a decisões retas. E isto será chamado operação do Espírito Santo”.

²⁷ SARLI, Joel. A arte da adoração. *Revista Ministério*, Tatuí, edição especial Liturgia. julho-agosto, p.5-7, 2013. p. 7.

É fácil encontrar alertas a respeito da infiltração de práticas pentecostais no adventismo (especialmente através do culto e da música). Mas curiosamente não é comum no adventismo alertas contundentes a respeito de práticas com “cheiro” de puritanismo, ou contra o culto com “qualquer laivo” de protestantismo cessacionista.

Há em certos setores do adventismo uma preocupação com o uso de músicas que estejam relacionadas aos pentecostais e carismáticos, pois elas supostamente poderiam mudar o culto adventista e, conseqüentemente, sua teologia. Mas diante da história adventista, é necessário investigar se é justificável tal preocupação. O hinário adventista, por exemplo, vem de fontes teológicas bem diversificadas. Se cantar as músicas que os carismáticos cantam tornasse a teologia adventista em carismática, o que dizer dos hinos católicos, reformados e evangélicos que são cantados semanalmente nos cultos adventistas?

A adoração adventista sempre dialogou com movimentos vizinhos, usando o que é cabível em seu ambiente teológico. O repertório adventista de hinos inclui canções das raízes reavivalistas/pentecostais e do próprio movimento carismático recente. Os adventistas estão, desde o início, envolvidos musicalmente com eles e, aparentemente, isso nunca representou um grande problema.

Phoebe Palmer, uma das mentoras do Movimento *Holiness*, escreveu vários hinos, e alguns deles ainda estão no atual *Hinário Adventista do Sétimo Dia* (HASD, n. 126 e 516). Sua filha, Phoebe Palmer Knapp, é co-autora do famoso “Bendita Segurança” (HASD, n. 240). Ela influenciou William Booth e seu *Exército da Salvação*, uma denominação conhecida por excessos e extravagâncias durante suas reuniões pioneiras.

Os adventistas cantam hinos de Charles William Fry (HASD, n. 88 e 405), um dos fundadores do estilo musical do *Exército da Salvação*, estilo utilizado no adventismo pioneiro justamente pelos fanáticos da Carne Santa. Há também hinos de Ballington Booth (HASD, n. 297), filho de William Booth, e outros hinos do *Exército da Salvação* (HASD, n. 81 e 566).

Além disso, os adventistas há tempos cantam hinos relacionados ao pentecostalismo/carismatismo, como os de John Wimber (HASD, n. 496), carismático e um dos fundadores das igrejas *Vineyard*; Lanny Wolfe (HASD, n. 578), que sempre esteve ligado à *United Pentecostal Church*; Andrae Crouch (HASD, n. 249), pentecostal da *Igreja de Deus em Cristo*, diretamente ligada ao movimento pentecostal da rua Azuza; e Jimmy Owens (HASD, n. 587), um dos pioneiros da música cristã contemporânea e do movimento de *Louvor e Adoração*.

Laurie Klein compôs “Eu te amo, ó Deus” (HASD, n. 579), um dos hinos mais utilizados pelo movimento carismático, e popularizado por Jack Hayford, que é pastor pentecostal, ex-presidente da Igreja do Evangelho Quadrangular (2004-2009), e que também tem uma canção no hinário adventista (HASD, n. 73).

Os adventistas cantam esse repertório há mais de um século, uma evidência de que, historicamente, a IASD nunca esteve longe da “ameaça” pentecostal. No entanto, conseguiu desde sempre reter o que julgou ser bom e apropriado dos seus vizinhos.²⁸

²⁸ Um bom exemplo disso são as reuniões campais, uma prática reavivamentista que frequentemente se degenerava em fanatismo, mas que foram uma bênção para o adventismo. Apesar das campais terem uma origem questionável, serem quase sempre acompanhadas de excessos emocionais, e serem regularmente realizadas pelo movimento *Holiness* e por outros grupos não alinhados à teologia adventista, os adventistas não deixaram de usar esse método. Ellen White claramente endossou a realização de campais, mesmo estando ciente do fanatismo que rondava as

Considerações finais

Diante de sua própria história, o receio adventista de qualquer coisa que pareça pentecostalismo/carismatismo é injustificado, e pode levar a extremos. Um desses extremos é achar que só há perigo para a sua identidade e ortodoxia teológica no culto espontâneo e informal dos pentecostais, beirando o preconceito religioso. O adventismo não pode ignorar que outros movimentos considerados por ele uma ameaça, como o liberalismo teológico, floresceram também em igrejas litúrgicas, tradicionais. A neo-ortodoxia, outra linha teológica também vista com reservas pelo adventismo, encontrou respaldo em círculos reformados, tradicionais, históricos, sem músicas e práticas pentecostais. Na avaliação adventista, esses dois movimentos acabaram esvaziando a Bíblia de sua autoridade e deixaram marcas profundas no cristianismo.

No entanto, aparentemente, ninguém vincula essas teologias aos seus formatos de culto. Em outras palavras, não há adventistas denunciando o culto litúrgico formal por seu vínculo com o movimento liberal e neoortodoxo. Mas há vários setores adventistas denunciando a espontaneidade do culto e da música contemporânea por suas conexões com o movimento pentecostal e carismático. Há uma intolerância mais acentuada com o pentecostalismo.

É curioso perceber que muitos segmentos cristãos que abraçaram o liberalismo teológico e a neo-ortodoxia mantiveram sua liturgia geralmente intocada. Manter a liturgia não impediu mudanças na teologia, e mudanças na teologia não promoveram alterações profundas na liturgia. O estilo musical de muitos desses cultos continua o mesmo, tradicional, sem nenhuma aproximação do pentecostalismo em sua forma de culto, apesar das alterações teológicas. A conexão entre reformas teológicas e reformas litúrgicas não parece seguir um padrão tão simples e exato, e requer ainda mais pesquisas que a esclareçam.

A própria história da IASD mostra que mudar a liturgia e o estilo musical não é necessariamente problema. A IASD vivenciou vários períodos de desvio teológico, e isso nada teve a ver com música ou estilo de culto.²⁹ Se os adventistas mantivessem distância de qualquer “laivo de pentecostalismo”, evitando a música cristã contemporânea, estariam seguros? Existe uma relação direta entre culto formal, música tradicional e a manutenção da teologia ortodoxa? Aparentemente não.

As características da música e do culto católico romano, são descritas de maneira positiva por Ellen White, apesar de, na avaliação adventista, ter uma teologia equivocada. Ela descreve assim o culto católico:

O culto da Igreja Romana é um cerimonial assaz impressionante. O brilho de sua ostentação e a solenidade dos ritos fascinam os sentidos do povo, fazendo silenciar a voz da razão e da consciência. Os olhos ficam encantados. Igrejas magníficas, imponentes procissões, altares de ouro, relicários com pedras preciosas, quadros finos e artísticas esculturas apelam para o amor do belo. O ouvido também é cativado. A música é excelente. As belas e graves notas do órgão, misturando-se à melodia de muitas vozes a ressoarem pelas elevadas abóbadas e naves ornamentadas de colunas, das grandiosas catedrais, não podem deixar de impressionar a mente com profundo respeito e reverência.³⁰

campais *Holiness* e do risco de excessos no adventismo. Para ler mais sobre isso: <<http://www.adoracaoadventista.com/2011/12/culto-da-carne-santa-uma-copia-de.html>>.

²⁹ Ver por exemplo, KNIGHT, George. *A mensagem de 1888*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009. A ortodoxia adventista da época, o apego à tradição, levou ao desprezo da Bíblia.

³⁰ WHITE, Ellen G. *O grande conflito*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988. p. 566.

Na avaliação adventista, esse seria um culto respeitável, sem qualquer “cheiro” de pentecostalismo. No entanto, na avaliação de Ellen White, suas práticas “apenas zombam dos anelos da alma ferida pelo pecado, são evidência da corrupção interna”.³¹

A música que acompanhava os movimentos adventistas fanáticos dos dias de Ellen White era diversificada. Houve fanatismo e heresia com música e sem música, apenas ao piano e com uma banda ruidosa. A comparação do fanatismo sem gritos e sem instrumentos musicais do casal Mackin³² com o fanatismo ruidoso da Carne Santa deixa claro que não existe uma fórmula única para o extremismo. O fanatismo é diversificado, e se manifesta “em diferentes maneiras”.³³ Ellen White relata que em seus dias teve de “enfrentar o fanatismo em suas *várias formas*”,³⁴ e que depois de 1844, “levantou-se o fanatismo em *várias formas*”.³⁵

Assim, o excessivo medo de perder a identidade diante do carisma e do pentecostalismo no culto e na música não se justifica se os adventistas continuarem a fazer o que sempre fizeram: seleção criteriosa. O isolamento sectário, não é necessário, como mostra a história da denominação. No entanto, em nome da coerência, essa seleção criteriosa deveria estender-se a todas as influências recebidas.

Se os Adventistas do Sétimo Dia mantêm o conceito de que a Bíblia é a sua “única regra de fé e prática”³⁶, o “único credo”³⁷, e o meio através do qual “Deus transmitiu ao homem o conhecimento necessário para a salvação”³⁸, não podem manter vigilância apenas sobre o culto ruidoso com características pentecostais.

Em sua obediência à Bíblia, os adventistas não precisam ficar tão preocupados com o que os pentecostais fazem. Se no caminho da estrita obediência bíblica os adventistas forem confundidos com pentecostais ou outro grupo qualquer, não há problema.

Um trecho de um discurso de Ellen White de 1891 revela esse princípio. Ela sentia um certo exagero na preocupação dos adventistas de não serem confundidos com o *Movimento Holiness* ou com o *Exército da Salvação*, e aconselhou:

Quando falamos da graça de Deus, de Jesus e seu amor, falamos do Salvador como alguém que é capaz de guardar-nos do pecado, e salvar perfeitamente todos os que se achegam a ele, muitos vão dizer: “Ó, eu temo que você esteja seguindo o povo *Holiness*. Temo que você esteja indo atrás do Exército da Salvação”. Irmãos, vocês não precisam ter medo dos claros ensinamentos da Bíblia.³⁹

Referências

BRUINSMA, Reinder. *The Body of Christ: An Adventist Understanding of the Church*. Hagerstown,

³¹ WHITE, 1988, p. 566.

³² O casal provocou distúrbios em uma campal e chegou a ser preso. A sra. Mackin cantava “no Espírito”, *a capella* ao piano, músicas suaves. Além dos “dons” musicais, o casal também exercia um ministério de exorcismo.

³³ WHITE, 2000, p. 44.

³⁴ WHITE, 2000, p. 28 (ênfase do autor).

³⁵ WHITE, 2000, p. 34 (ênfase do autor).

³⁶ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 47.

³⁷ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2011, p. 163.

³⁸ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2011, p. 163.

³⁹ WHITE, Ellen G. Our Present Dangers. *The Ellen G. White 1888 Materials*. vol. 2. Washington: The Ellen G. White Estate, 1987. p. 904.

Maryland: Review and Herald Publishing Association, 2009.

BURRILL, Russell. *Waking the dead: returning plateaued and declining churches to vibrancy*. Washington, D.C.: Review and Herald, 2004.

GRAYBILL, Ronald D. Enthusiasm in Early Adventist Worship. *Ministry*, Outubro de 1991.

_____. The Rise of a New Adventist History, A Book Review. *Spectrum*, Vol. 7, No. 4, 1976.

HOSKINS, Steven T. The Wesleyan/Holiness Movement in search of liturgical identity. *Wesleyan Theological Journal*, Vol 32, n. 2. Wesleyan Theological Society, 1997.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

KNIGHT, George. *A mensagem de 1888*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

_____. *Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas Adventistas do Sétimo Dia*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

_____. (ed.). Introdução Histórica e Teológica à Edição Anotada. *Questões sobre doutrina: o clássico mais polêmico da história do adventismo*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

MALHEIROS, Isaac. *Culto da Carne Santa: uma cópia de métodos – parte 1*. Disponível em: <http://www.academia.edu/5851300/Culto_da_Carne_Santa_-_uma_copia_de_metodos_1>. Acesso em 13 fev. 2014.

PATRICK, Arthur. *Later Adventist Worship, Ellen White and the Holy Spirit: Further Historical Perspectives*. Spiritual Discernment Conference Papers, 1999. Disponível em: <<http://www.sdanet.org/atissue/discern/flesh.htm>>. Acesso em 13 fev. 2014.

SARLI, Joel. A arte da adoração. *Revista Ministério*, Tatuí, edição especial Liturgia, julho-agosto, p. 5-7, 2013.

SEPULVEDA, Ciro. *Reinventing Adventist History: How Adventist Historians Transformed Adventist Heritage So That It Would Fit Neatly Into the National Mythology*. Electronic Journal of Adventist History. Hunstville, AL: Oakwood University, 2001. Disponível em <<http://www.oakwood.edu/historyportal/Ejah/Reinventing%20SDA%20history.htm>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

_____. *The Tent and the Cathedral: White-Collar Adventists and Their Search for Respectability*. Paper apresentado no Questions on Doctrine 50th Anniversary Conference. Berrien Springs, MI: Andrews University, 25 de Outubro de 2007. p. 1-9. Disponível em: <http://www.god.andrews.edu/docs/05_ciro_sepulveda.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2014.

STOUT, Kenneth B. "Seventh-Day Adventist Worship". In BRADSHAW, Paul F. (ed.). *The new SCM dictionary of liturgy and worship*. London: SCM Press, 2005.

WARREN, Mervyn A. Black seventh-day adventists and worship. In ROCK, Calvin B. (ed.). *Perspectives: Black Seventh-day Adventists Face the Twenty-First Century*. Hagerstown, MD:Review

and Herald Publishing, 1996. p. 187-192.

WHITE, Arthur L. *Charismatic experiences in early Seventh-Day Adventist history*. A reprint of twelve articles published in the Review and Herald (1972-1973). Disponível em: <[http://www.whiteestate.org/issues/Charism-ALW.html#CHARISMATIC EXPERIENCES](http://www.whiteestate.org/issues/Charism-ALW.html#CHARISMATIC_EXPERIENCES)>. Acesso em 08 jul. 2014.

WHITE, Ellen G. An Appeal for the South. *Review and Herald*, 3 de Dezembro de 1895.

_____. *Mensagens Escolhidas*. Vol. 2. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

_____. *O grande conflito*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988.

_____. Our Present Dangers. *The Ellen G. White 1888 Materials*. Washington: The Ellen G. White Estate, 1987. v. 2.

_____. *Testimonies for the Church*. Vol. 9. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948.